

Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro

Self-perception of body image among nutrition students: a study in the city of Rio de Janeiro

Maria Lúcia Magalhães Bosi, Ronir Raggio Luiz, Caroline Maria da Costa Morgado, Mara Lucia dos Santos Costa e Rosemary Jane de Carvalho

Resumo

Objetivo: Identificar a autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição no município do Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo seccional junto a estudantes de nutrição do sexo feminino. Para dimensionar a prevalência de distorção de imagem corporal, utilizou-se o Body Shape Questionnaire (BSQ) em sua versão para o português, adotando-se o intervalo de confiança de 95%. Para o estudo das associações, empregou-se o teste qui-quadrado. **Resultados:** A amostra foi de 193 estudantes, tendo como média de idade 20,9 anos (± 2). O escore médio do BSQ foi 81,2 pontos ($\pm 33,6$), correspondendo à preocupação leve com a auto-imagem corporal. A prevalência de universitárias com distorção grave da imagem corporal foi de 6,2% (IC 95%; 3,2%-10,6%). Observou-se associação estatisticamente significativa ($p < 0,026$) entre o BSQ e o índice de massa corporal (IMC) categorizado. Também foi significativa a associação entre BSQ moderado ou grave e insatisfação com o peso ($p < 0,001$). **Conclusão:** Os resultados encontrados evidenciam que o ideal de corpo magro imposto pela sociedade prevalece, pois mulheres com peso adequado apresentaram insatisfação com sua imagem corporal, desejando alterá-la para se adequar aos padrões sociais. Em se tratando de futuras nutricionistas, o impacto desse achado é ainda mais relevante, tendo em vista seu papel no manejo desses quadros. **Palavras-chave:** transtornos do comportamento alimentar, imagem corporal, psiquiatria, saúde mental.

Abstract

Objective: To investigate body image perceptions among students of nutrition in the city of Rio de Janeiro. **Methods:** Sectional study among female nutrition students. The prevalence of distortion in body image perception was assessed by using the Body Shape Questionnaire (BSQ), Portuguese version, adopting the confidence interval of 95%. To study the associations, the chi-square test was used. **Results:** The sample consisted of 193 students; average age 20.9 years (± 2). The median score of the BSQ was of 81.2 points (± 33.6), corresponding to the light concern with the corporal self-image. Among these students the prevalence of serious distortion of body image was 6.2% (IC 95%; 3.2%-10.6%). A significant statistical association ($p < 0,026$) between BSQ and the categorized body mass index (BMI) was observed. Also the association between moderate or serious BSQ and body weight dissatisfaction was significant ($p < 0,001$). **Conclusion:** The results evidence that the ideal body image prevalent in our society influenced the practices of this group; therefore women with adequate weight presented dissatisfaction with their body image, desiring to modify it in order to adjust to social standards. Since this study deals with future nutritionists, the impact of this finding is still more relevant. **Key words:** eating disorders, body image, psychiatry, mental health.

Recebido
07-03-06
Aprovado
30-06-06

Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NESC/UFRJ) (Bosi MLM, Luiz RR, Morgado CMC, Costa MLS, Carvalho RJ)
Trabalho financiado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal 2003, e da Fundação José Bonifácio – Programa de Apoio à Pesquisa.

Correspondência para: Maria Lúcia Magalhães Bosi
Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) da UFRJ – Praça da Prefeitura da Cidade Universitária – Avenida Brigadeiro Trompowski, s/n, – 21949-900 – Rio de Janeiro-RJ – Tel.: (21) 2598-9274 – e-mail: malubosi@nesc.ufrj.br

Introdução

Ao longo do tempo o conceito de corpo saudável ou bonito tem sofrido transformações. Até o início do século XX, a mulher era desejada quando tinha o corpo roliço, devido à deposição de gorduras em quadris, coxas, barriga e mamas. Na época pré-industrial, os períodos de carência alimentar eram freqüentes e a mulher de peso excessivo simbolizava uma mulher forte, com energia suficiente para enfrentar esses períodos conturbados e proteger sua família (INAD, 2004; Andrade, Bosi, 2003; Almeida *et al.*, 2005). Ao longo do século XX e, sobretudo, a partir da década de 1960, esse ideário vem se modificando: inicia-se a busca pelo corpo magro, atlético e por formas definidas que passam a constituir mesmo objeto de consumo, tendo em vista a oferta de produtos e serviços em um mercado que cresce a cada dia (Ferriani *et al.*, 2005; Oliveira *et al.*, 2003; Andrade, Bosi, 2003; Almeida *et al.*, 2005).

O culto ao corpo está diretamente associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social, sendo crescente a insatisfação das pessoas com a própria aparência. Enquanto nosso estilo de vida alicerçado nos avanços tecnológicos está contribuindo para a diminuição dos níveis de atividade física laborais e de lazer, fenômeno associado ao aumento do consumo de alimentos hipercalóricos, os padrões de beleza exigem perfis antropométricos cada vez mais magros (INAD, 2004; Schwartz, Brownell, 2004). Entretanto, nos últimos 20 anos, a proporção de casos de sobrepeso e obesidade no Brasil, que variava entre 16% e 26%, aumentou para aproximadamente 40% na população adulta, exceção feita às mulheres de melhor renda da região Sudeste. Nesse grupo, na última década, observou-se queda da proporção de pessoas obesas. Supõe-se que essa queda esteja relacionada com o acesso a informações sobre cuidados com a saúde, bem como aos meios para efetivá-los.

As mulheres jovens, por serem mais vulneráveis às pressões dos padrões socioculturais, econômicos e estéticos, constituem o grupo de maior risco para desenvolver distúrbios alimentares. Esses transtornos apresentam múltiplas causas, incluindo fatores genéticos, ambientais e comportamentais, caracterizando-se, portanto, como problema sócio-sanitário. Pessoas com anorexia e bulimia nervosa têm em comum uma preocupação excessiva com peso e dieta, apresentando insatisfação e distorção de sua imagem corporal. Tal preocupação é sintoma importante para a detecção dessas doenças (Oliveira *et al.*, 2003; Cordás, Castilho, 1994).

A imagem corporal é a figura de nosso próprio corpo que formamos em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós mesmos ou como o vivenciamos (Cordás, Castilho, 1994). Conforme Slade (1988), o termo *imagem corporal* refere-se a uma ilustração, que se tem na mente, de tamanho, imagem e forma do corpo, expressando também sentimentos relacionados a essas características, bem como as partes que o constituem.

A insatisfação com o corpo tem sido freqüentemente associada à discrepância entre a percepção e o desejo relativo a um tamanho e a uma forma corporal (Almeida *et al.*, 2005). Embora constitua objeto complexo para investigações, existem evidências de que a mídia tem influência sobre os distúrbios na esfera da alimentação e da imagem corporal, pois ao mesmo

tempo em que exige corpos perfeitos, estimula práticas alimentares não-saudáveis. O desfile de figuras jovens, com corpos esqueléticos ou musculosos apresentados em revistas, cinema e comerciais torna muito difícil, principalmente para os jovens, considerar a beleza em sua diversidade e singularidade, ou seja, como componente individual, sem se prender a padrões estéticos cada vez mais inatingíveis (INAD, 2004; Saikali *et al.*, 2004). Há 20 anos as modelos pesavam 8% menos que a média das mulheres da época; hoje a diferença é de aproximadamente 23%. Isso pode ser associado à diminuição do peso das modelos e/ou ao aumento do peso das mulheres em geral ou, mais provavelmente, pela associação dos dois fenômenos, potencializando o sentimento de inadequação (INAD, 2004).

No âmbito de um estudo sobre imagem corporal, dois aspectos específicos podem ser distinguidos: a exatidão da estimativa do tamanho e os sentimentos em relação ao corpo e às porções do mesmo.

Na maioria das vezes os autores enfatizam a mensuração exata das medidas corporais, deixando de lado aspectos e comportamentos sociais que podem influenciar as distorções da imagem corporal. Na tentativa de mudar esse quadro, têm sido desenvolvidos instrumentos que visam detectar os sentimentos subjacentes a essa distorção. Nesse sentido, buscando incorporar outros aspectos, como a influência do meio social, Cooper *et al.* (1987) desenvolveram o Body Shape Questionnaire (BSQ), instrumento que, embora não isento de limitações, apresenta-se como recurso técnico de utilidade em estudos com populações clínicas e não-clínicas quando se busca avaliar a imagem corporal, tendo sido utilizado neste estudo com o objetivo de identificar a autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição em uma universidade pública do município do Rio de Janeiro.

O estudo desse objeto junto a esse segmento específico é de grande interesse, dada sua inserção na equipe interdisciplinar que atua no manejo dos transtornos do comportamento alimentar, bem como o papel central dessa categoria no âmbito do cuidado em saúde e alimentação, em especial nas práticas de promoção à saúde. Nesse espaço ganham destaque as práticas educativas, o que ressalta seu papel como elemento multiplicador de conceitos e de práticas, no sentido da sua manutenção ou da sua transformação.

Métodos

O presente estudo integra o projeto de pesquisa *Comportamentos Alimentares Anormais e Práticas Inadequadas de Controle de Peso entre Estudantes Universitários*, de delineamento transversal. O projeto foi desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período 2003-2004, abrangendo diferentes cursos de graduação: nutrição, medicina, psicologia, educação física, letras e engenharia, de modo a possibilitar um contraste de gênero e de inserção na área da saúde.

Em virtude da inexistência de estudos de prevalência que apontem a magnitude do problema junto a esse segmento específico, para o cálculo do tamanho amostral adotou-se o valor sugerido pelo estudo de prevalência de comportamentos alimentares anormais realizado por Nunes *et al.* (2001) devido

à interface entre os fenômenos *insatisfação com a imagem corporal e práticas alimentares anormais e de risco*.

A amostra pesquisada foi de 220 universitários, porém optou-se por excluir os informantes do sexo masculino, uma vez que representavam um número pequeno no curso ($n = 27$), além de envolver uma dimensão importante do fenômeno em observação – gênero –, aparentemente não-resgatável pelo instrumento, finalizando-se com uma amostra de 193 alunas.

O instrumento utilizado para a coleta de dados, conforme já apontado, foi o BSQ (Cooper *et al.*, 1987) em sua versão para o português (Cordás, Castilho, 1994), inventário utilizado para avaliar o grau de insatisfação com a imagem corporal. As categorias do BSQ foram determinadas a partir da distribuição dos escores obtidos com a aplicação do Questionário de Imagem Corporal em uma amostra da população geral inglesa. Elas refletem níveis crescentes de preocupação com a imagem corporal que correspondem às seguintes faixas, de acordo com o somatório de pontos do questionário:

- nenhuma: menor ou igual a 80;
- leve: entre 81 e 110;
- moderada: entre 111 e 140;
- grave: maior ou igual a 140.

Adicionalmente à aplicação do BSQ foi solicitado às estudantes que referissem seu peso e sua altura no momento do estudo, bem como o peso e a altura por elas almejados. Segundo a literatura, a correspondência entre os pesos referido e aferido é satisfatória, podendo ser utilizado o peso referido em pesquisas populacionais quando a aferição for inviável ou quando houver necessidade de tornar o estudo mais rápido ou diminuir seu custo (Silveira *et al.*, 2005; Schmidt *et al.*, 1993; Chor *et al.*, 1999). A partir dessas variáveis antropométricas foi calculado o índice de massa corporal (IMC), adotando-se a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS), e estimou-se a

Resultados

Dos 193 questionários, a distribuição da faixa etária variou dos 17 aos 32 anos, sendo a média de idade 20,9 anos (± 2). A maioria das estudantes (92,2%) é natural do estado do Rio de Janeiro, sendo que 51,3% dos seus pais possuem nível superior completo. Foram consideradas sedentárias as estudantes que deram resposta negativa quanto à prática de atividade física, encontrando-se nesse grupo uma prevalência de inatividade de 45,6%.

As medidas antropométricas referidas pelas alunas apontaram como média de altura 163,6cm ($\pm 6,6$), média de peso informado 55,8kg ($\pm 8,6$) e média do IMC 20,8kg/m² ($\pm 2,5$), o que foi considerado adequado e tendendo para o limite inferior. Para estimar a satisfação com o peso, solicitou-se que fosse respondido qual o peso desejado, tendo sido constatada uma diferença de 2kg ($\pm 4,5$) entre o peso informado e o desejado. Quando calculado o IMC, com base no peso desejado, o valor encontrado foi 20,1kg/m², inferior, portanto, ao peso informado (atual). Também foi solicitado que as universitárias informassem qual seria sua altura ideal, sendo a média encontrada 166,3cm ($\pm 5,5$), maior que a informada (**Tabela 1**).

A análise do instrumento utilizado mostrou que a média de pontos do BSQ entre as estudantes de nutrição foi 81,2 ($\pm 33,6$), sendo o escore mínimo 34, e o máximo, 191. A classificação final por *níveis de preocupação* com a imagem corporal apontou que 59,6% das estudantes não apresentavam alteração da auto-imagem corporal, enquanto 6,2% possuíam distorção grave (**Tabela 2**).

Foram relacionados os resultados do BSQ e as variáveis IMC, *insatisfação com o peso e idade*, visando buscar associações entre uma delas e os distúrbios da imagem corporal. Observou-se que 91,7% das universitárias que apresentaram resultado do BSQ normal/leve eram eutróficas, assim como

Tabela 1. Análise descritiva de algumas características das estudantes de nutrição

Estatística	Idade (anos)	Características						
		Altura (cm)		Peso (kg)			IMC (kg/m ²)	
		Informada	Desejada	Informado	Desejado	Diferença*	Informado	Desejado**
<i>n</i>	193	193	186	191	192	190	191	192
Média	20,9	163,6	166,3	55,8	53,8	2	20,8	20,1
\pm	2	6,6	5,5	8,6	6	4,5	2,5	1,5
Mínimo	17	147	147	41	38	-7,5	16,3	12,8
1º quartil	20	159	163	50	50	0	19,2	19,1
Mediana	21	164	167	54	53	1,5	20,4	20
3º quartil	22	168	170	60,5	58	4	22,1	20,8
Máximo	32	178	182	105	74	34	35,5	24,3

*Peso informado menos peso desejado, representando a *insatisfação* com o peso; **considerando a altura informada.

insatisfação com o peso como informação complementar aos escores obtidos com a aplicação do BSQ (OMS, 1995).

A descrição geral dos dados obtidos neste estudo será apresentada por meio de frequências simples e relativas, adotando-se para a análise a associação entre as variáveis selecionadas na realização do teste qui-quadrado, tendo sido utilizado para armazenamento e análise dos dados o programa SPSS 11.0.

Tabela 2. Classificação das estudantes de nutrição segundo escores BSQ

BSQ	<i>n</i>	%
Nenhuma	115	59,6
Leve	42	21,8
Moderada	24	12,4
Grave	12	6,2
Total	193	100

aquelas com resultado do BSQ moderado/grave (82,9%). Das estudantes com resultado de BSQ moderado/grave, 11,4% estavam acima do peso (sobrepeso/obesidade) ($p = 0,026$). Quanto à insatisfação com o peso, foi encontrado que 58,7% das alunas com BSQ normal/leve gostariam de perder dois ou mais quilos. Já entre as estudantes que apresentaram BSQ moderado/grave, 94,3% queriam perder dois ou mais quilos ($p < 0,001$) (Tabela 3).

BSQ, os resultados mostram que a insatisfação corporal tem papel significativo na auto-estima das meninas. Quando as croatas foram comparadas com estudantes do sexo feminino do Reino Unido e, principalmente, dos Estados Unidos, os seus escores foram significativamente mais baixos (Pokrajac-Bulian *et al.*, 2005). Comparando os resultados com alguns achados disponíveis na literatura nacional, a pontuação média no BSQ das estudantes de nutrição no presente estudo foi 81,2 ($\pm 33,6$), ligeiramente mais alta

Tabela 3. Escores de BSQ segundo algumas características demográficas e clínicas (n = 193)

Características	Total		BSQ				p*
	n	%	Normal/leve		Moderado/grave		
			n	%	n	%	
Idade							0,075
17 a 19 anos	45	23,3	37	19,2	8	22,2	
20 ou 21 anos	76	39,4	67	42,7	9	25	
22 anos ou mais	72	37,3	53	33,8	19	52,8	
Total	193	100	157	100	36	100	
IMC (kg/m²)							0,026
Até 17,99	12	6,3	10	6,4	2	5,7	
18 a 24,99	172	90,1	143	91,7	29	82,9	
25 ou mais	7	3,7	3	1,9	4	11,4	
Total	191	100	156	100	35	100	
Insatisfação com o peso**							< 0,001
Querem ganhar peso	37	19,5	35	22,6	2	5,7	
Satisfeitas	29	15,3	29	18,7	0	0	
Querem perder até 2kg	31	16,3	29	18,7	2	5,7	
Querem perder mais de 2kg	93	48,9	62	40	31	88,6	
Total	190	100	155	100	35	100	

*Teste χ^2 ; **peso menos peso ideal.

Discussão

Os achados referentes à prática de atividade física mostram que praticamente metade da amostra era inativa (45,6%), o que corrobora outros resultados da literatura, como os de Silva e Malina (2000), que desenvolveram um estudo no sistema público de ensino de Niterói-RJ com adolescentes de 14 e 15 anos e encontraram 41,6% de meninas sedentárias. A inatividade física é resultante do estilo de vida moderno de trabalho e de lazer, caracterizado por atividades inertes que favorecem o aumento da prevalência de obesidade em todas as faixas etárias. É interessante observar que o desejo de ter ou permanecer com o corpo magro não encontra correspondência com o perfil de prática de atividades físicas do grupo e contraria, ainda, o discurso científico da nutrição, que preconiza a atividade física como elemento relevante na promoção da saúde e do corpo saudável.

Os valores do IMC informado e o desejado tendem, ambos, para o limite inferior da normalidade, o que sugere um desejo de adequação ao padrão ideal de corpo na atualidade. O peso idealizado menor que o informado (atual) e a altura ideal maior que a informada também nos levam a supor uma forte influência do imaginário referente aos ideais de beleza na sociedade brasileira sobre as futuras nutricionistas no que se refere ao desejo de atingir o padrão das modelos expostas pela mídia.

Confrontando esses resultados com a literatura, em um estudo realizado junto a universitários croatas aplicando-se o

que a encontrada em estudo entre atletas realizado por Oliveira *et al.* (2003) no Rio de Janeiro, que foi 77,8 ($\pm 28,7$).

Os resultados desta investigação vão ainda ao encontro dos achados de outro estudo, desenvolvido por Almeida *et al.* (2005) sobre a percepção da forma corporal entre mulheres atendidas em diferentes serviços ambulatoriais de saúde de Ribeirão Preto (SP), que verificou uma concentração de escolhas próprias de não-obesidade nas silhuetas representativas de mulheres, caracterizando, para o segmento feminino, a exigência de corpos magros como sinônimo de normalidade.

No presente estudo, entre as universitárias com auto-percepção da imagem corporal moderada ou gravemente alterada (18,6%) foi encontrado que 82,9% apresentavam IMC adequado e 11,4% apresentavam IMC de sobrepeso/obesidade. Esse elevado percentual de universitárias eutróficas com alteração moderada/grave da auto-imagem corporal é um dado preocupante, tendo em vista que elas são futuras nutricionistas que também deverão atentar para a detecção e o manejo de comportamentos alimentares de risco.

Em relação ao resultado do BSQ e à insatisfação com o peso, foi observado que, mesmo no grupo de alunas que apresentavam níveis de preocupação com a imagem corporal normal/leve, um percentual expressivo gostaria de perder dois ou mais quilos (58,7%). Entre aquelas com alteração moderada/grave da auto-imagem corporal esse mesmo desejo atinge quase a totalidade das universitárias (94,3%), o que corresponde ao alto grau de distorção

detectado, fator de risco para transtornos na esfera da alimentação. Um estudo longitudinal entre meninas norueguesas apontou que a imagem corporal é fator preditor para a prática de dietas, tendo relação direta com o aumento da idade (Friestad, Rise, 2004). E a prática de dietas freqüentes é fator de risco para o desenvolvimento de transtornos do comportamento alimentar, sobretudo de quadros de anorexia nervosa (Morgan *et al.*, 2002).

Esses dados confirmam que a percepção do peso corporal se sobrepõe ao IMC, ou seja, a forma como a pessoa se percebe é mais decisiva do que a massa corporal em si, podendo influenciar alterações importantes do comportamento alimentar. Esse fato evidencia a necessidade de explorar o tema em diferentes segmentos populacionais, de modo a conhecer a magnitude do fenômeno e delinear estratégias voltadas ao problema (Nunes *et al.*, 2001).

A autopercepção da imagem corporal e, principalmente, a imagem corporal idealizada pelas universitárias informantes deste estudo ajustam-se ao padrão preconizado pelo contexto sociocultural em que vivemos, no qual sobressaem o que certos autores denominam *lipofobia* e *império da magreza*. Em se tratando de graduandas de nutrição, o impacto desse achado é ainda mais relevante, pois se profissionais no campo da saúde e da nutrição, apesar de sua *expertise* nesses domínios, desejam atender a essas normas, evidencia-se a importância do tema como questão sócio-sanitária. Além disso, a condição de cuidadores adoecidos dificulta a construção de um olhar diferenciado para com o outro no momento em que tiverem que lidar com algum caso de transtorno alimentar, obscurecendo a distorção da auto-imagem como preditora para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

O desconhecimento do tema por parte dos profissionais de nutrição e de saúde gerado pelo despreparo acadêmico associado ao caráter secreto das práticas torna mais difícil a sua detecção. Portanto, a multidimensionalidade dos transtornos

do comportamento alimentar, que inclui a percepção do próprio corpo, deve ser discutida com esses profissionais para que entendam a influência da sociedade de consumo e o processo de construção dos ideais de beleza nos processos de subjetivação em curso e possam conduzir um manejo clínico no qual se considerem os limites nos quais a perda de peso trará impacto positivo à saúde das pessoas.

Assim, este estudo visa contribuir para a identificação da avaliação da auto-imagem corporal no segmento focalizado. É necessário o desenvolvimento de outros estudos com esse grupo, além da associação desses achados a dados relativos a comportamentos alimentares inadequados, uma vez que tais fenômenos se conjugam como fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Vale ressaltar, ainda, que este estudo alerta para a importância que deve ser dada à educação de adolescentes e jovens discutindo a pressão cultural exercida sobre o corpo, sobretudo os universitários, foco específico do estudo, em especial aqueles inseridos na área da saúde, por serem futuros multiplicadores de conceitos e práticas relacionados ao corpo e à alimentação, bem como agentes fundamentais em detecção e manejo de distúrbios nesse domínio que se caracteriza como necessidade básica humana.

Conclusão

Os resultados encontrados neste estudo evidenciam que o ideal de corpo magro imposto pela sociedade prevalece, pois um grupo de estudantes de nutrição com peso adequado apresentou insatisfação com sua imagem corporal, desejando alterá-la para adequar-se aos padrões sociais. Em se tratando de futuras nutricionistas, o impacto desse achado é ainda mais relevante, tendo em vista seu papel no manejo desses quadros.

Referências

Almeida GAN, Santos JE, Passian SR, Loureiro SR. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*, 10(1): 27-35, 2005.

Andrade A, Bosi MLM. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. *Revista de Nutrição*, (16)1: 117-25, 2003.

Chor D, Coutinho ESF, Laurent R. Confiabilidade da informação de peso e estatura em funcionários de banco estatal. *Rev Saúde Pública*, 33(1): 16-23, 1999.

Cooper PJ, Taylor M, Cooper Z, Fairburn, CG. The development and validation of the Body Shape Questionnaire. *Int J Eat Disord*, 6: 485-94, 1987.

Cordás TA, Castilho, S. Imagem corporal nos transtornos alimentares: instrumento de avaliação: Body Shape Questionnaire. *Psiquiatria Biológica*, 2(1): 17-21, 1994.

Ferriani MGC, Dias TS, Silva KZ, Martins CS. Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, 5(1): 27-33, 2005.

Friestad C, Rise J. A longitudinal study of the relationship between body image, self-esteem and dieting among 15-21 year olds in Norway. *European Eating Disorder Review*, 12(4): 247-55, 2004.

Instituto de Nutrição Annes Dias (INAD). Obesidade e Desnutrição: Projeto Com Gosto de Saúde. [online]. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.saude.rio.rj.gov.br>>. Acesso em: set 2005.

Monteiro CA, organizador. Velhos e novos males da saúde no Brasil: a evolução do país e suas doenças. 2 ed. revista e aumentada. São Paulo: Hucitec, Nupens/USP; 2000.

Morgan CM, Vecchiatti IR, Negrão AB. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. *Rev Bras Psiquiatr*, 3(Supl3): 18-23, 2002.

Nunes MA, Olinto MTA, Barrosa FC, Camey, S. Influência da percepção do peso e do índice de massa corporal nos comportamentos alimentares anormais. *Rev Bras Psiquiatr*, 23(1): 21-7, 2001.

Oliveira FP, Bosi MLM, Vigário PS, Vieira RS. Eating behavior and body image in athletes. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 9(6): 357-64, 2003.

Organização Mundial de Saúde. *Physical status: the use and interpretation of anthropometry*. Geneva: WHO; 1995. WHO Technical Report Series n° 854.

Pokrajac-Bulian A *et al.* Locus of control and self-esteem as correlates of body dissatisfaction in Croatian university students. *European Eating Disorders Review*, 13(1): 54-60, 2005.

Saikali CJ, Soubhia CS, Scalfaro BM, Cordás TA. Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(4): 154-6, 2004.

Slade PD. Body image in anorexia nervosa. *Br J Psychiatry*, 153(supl.2): 20-2, 1988.

Schmidt MI, Duncan BD, Tavares M, Polanczyk CA, Pellanda L, Zimmer PM. Validity of self-reported weight: a study of urban Brazilian adults. *Rev Saúde Pública*, 27(4): 271-6, 1993.

Schwartz MB, Brownell KD. Obesity and body image. *Body Image*, 1(1): 43-56, 2004.

Silva RCR, Malina RM. Nível de atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saúde Pública*, 16(4): 1091-7, 2000.

Silveira EA, Araújo CL, Gigante DP, Barros AJD, Lima MS. Validação do peso e altura referidos para o diagnóstico do estado nutricional em uma população de adultos no Sul do Brasil. *Cad Saúde Pública*, 21(1): 235-45, 2005.